

ARTES

SEXTA-FEIRA, 26 FEVEREIRO 1993

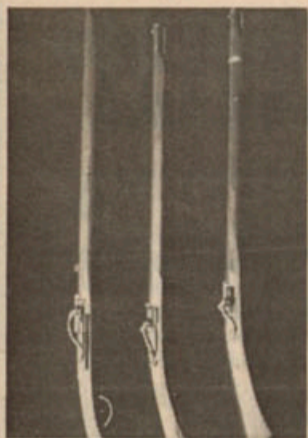
TEATRO
Cena portuguesa perde Rogério Paulo

PÁGINA 44



CERIMÓNIA
Japão devolve a Portugal espingardas históricas

PÁGINA 45



MÚSICA
Eric Clapton recebeu seis Grammys

PÁGINA 47



«IRMÃO» DE JORGE AMADO ASSEGURA CONCERTO DUPLO EM LISBOA

Escritor de canções



Dorival Caymmi apresenta-se, hoje e amanhã, no palco do São Luís, na companhia dos filhos Nana e Danilo. Regresso de um dos patriarcas do som da Baía. PÁGINAS 42 E 43

DORIVAL CAYMMI



► DORIVAL CAYMMI homenageado por estudantes da Universidade de Coimbra. Estava-se, então, em 1957, e o compositor cumpria a sua primeira viagem à Europa

A doce história de Caymmi

Carlos Drummond de Andrade disse, um dia, que «o que está na voz de Caymmi a gente guarda como faz com as coisas de estimação». Histórias da Baía, hoje e amanhã, no S. Luís

sua essência, feita de baianidade. Cabelo branco, rosto redondo feito um coco, dengoso, fala mansa e, acima de tudo, um ritmo suave, ao estilo da terra. O seu avô, emigrante italiano, apaixonou-se, um dia, por Maria da Glória, jovem portuguesa a caminho do Brasil, por sinal no mesmo barco. O filho de Enrico e Maria da Glória, um

baiano de sangue europeu, Henrique Balbino Caymmi, casou-se com Salomé de Souza, verdadeira deusa baiana. Dessa união, abençoada pelas teses de Gilberto Freyre, resultou Dorival, baiano-mor da grande confraria musical da terra.

O futuro compositor conviveu, na adolescência, com o folclore local, entre ataba-

ques, agogôs e cabaças – instrumentos típicos de Salvador –, e, claro está, com Oxalá, Ogum, Xangô e, principalmente, as mulatas da região. O autor de *Marina* conta que chegou ao Rio de Janeiro, em Abril de 1938, com o seu inseparável violão, um livro de Stephan Zweig e uma pequena mala. Nada mais. Depois de muitas difi-

JOSÉ ALBERTO BRAGA

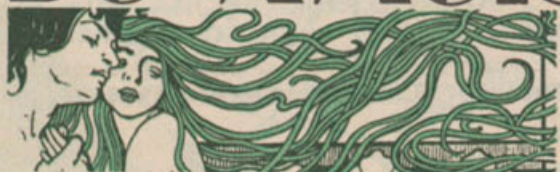
DORIVAL CAYMMI integra, com Jorge Amado e o pintor Carybé, uma trindade baiana de «três doutores» de primeira linha. Em 1985, ao completar 70 anos, o compositor foi alvo de uma série de homenagens, tendo sido distinguido com a Ordem das Artes e das Letras pelo ministro da Cultura francês, Jack Lang. No Brasil, um busto erguido na sua terra natal e uma homenagem pela Academia de Letras provam que o artista já entrou, ao nível da música brasileira, no rol dos imortais. Razões de sobra, portanto, para aqui se falar dele, a propósito dos dois espectáculos que realizará, acompanhado da sua família, hoje e amanhã, no Teatro S. Luís.

A figura de Dorival é, na



► REENCONTROS PERMANENTES: Jorge Amado e Caymmi em Salvador

HORÓSCOPO DO AMOR



Em Lisboa e Porto, Marque:

506 202 902

Fora de Lisboa e Porto, Marque:

0670 202 902

Valor da chamada 168\$00 p/ minuto
Moraudiotel - Apartado 9810, 1911 Lisboa Codex

culdades e grande penúria, Dorival conheceu o compositor e animador de rádio Ary Barroso, que lhe deu o necessário «empurrão». Pela voz de Cármen Miranda surgiu o hit *O que é que a baiana tem*. O tema passou a ser conhecido no mundo inteiro e projectou o compositor.

Mais tarde veio a amizade e a parceria boémia com o compositor Villa-Lobos, o escritor Guilherme Figueiredo e o dramaturgo Joraj Camargo, entre outros. Em 1940, casa-se com Stella e desfaz-se em malabarismos para fazer coexistir a vida familiar e o gosto pela vida nocturna (com êxito).

Capítulo curioso prende-se com a sua santa irmandade com Jorge Amado. Conta o autor de *Gabriela, Cravo e Canela*: «Não recordo quando e onde conheci o Dorival Caymmi, quando nos apertámos as mãos pela primeira vez e pela primeira vez rimos juntos nossa alegria. Foi, com certeza, na Baía, antes da partida de nosso Ita, levando-nos (ao aprendiz de compositor e ao aprendiz de escritor) para tentar exercer o ofício no Rio. Naquele tempo, quem quisesse um lugar ao sol tinha de começar pelo sacrifício de deixar a sua terra. Para nós, a terra da Baía, onde éramos livres adolescentes nas ruas e nas praias.»

Com o encerramento dos casinos no Rio de Janeiro, o mercado musical ressentiu-se e Caymmi resolveu virar-se para a pintura — aliás, com sucesso —, aprendendo com Pancetti e Portinari as regras básicas do pincel.

Em 1957, faz a sua primeira viagem à Europa. É ele quem conta: «Foi uma viagem patrocinada por Assis Chateaubriand. Com Dóris Monteiro desloquei-me a

Portugal, para actuar na festa de doutoramento, pela Universidade de Coimbra, do dr. Edgar Santos, reitor da Universidade da Baía.» A viagem? Um deslumbramento. Cantou no Castelo de S. Jorge e num estádio de futebol. Fez programas de TV e, em Coimbra, dançou no tradicional baile da Queima das Fitas, ostentando a capa negra dos estudantes. E, feliz da vida, confessou: «Conheci pessoalmente o grande Miguel Torga!» E será justamente em Lisboa que Caymmi escreverá as notas iniciais do tema *Das rosas*, um dos seus grandes sucessos.

No final dos anos 50 surge a bossa-nova. Para Caetano Veloso, o movimento foi influenciado por Caymmi, graças aos acordes dissonantes que ele descobrira, há mais de 30 anos. Não admira, pois, que João Gilberto tenha regravado *Rosa Morena*, *Saudade da Baía*, *Doralice* e outros êxitos do mestre.

Nana, a filha mais velha, tornara-se cantora profissional. Dori passa a ser compositor e orquestrador e o pequeno Danilo segue as pisadas do pai, como flautista, cantor e compositor. Diz Nana: «Acho que meu pai não é preguiçoso, é, antes, comodista. Pensa de mais, a sua cabeça é um mundo. Profissionalmente é tão grande que pesa ser filho de Caymmi. Não me recordo de nenhum tema seu que não tivesse agradado de imediato. Ele consegue tirar do violão o som do mar. Se ele tivesse tido a cultura musical do Tom Jobim, Deus me livre, seria uma loucura! Ele tem uma orquestra dentro do violão.»

Marília Barboza, que se tem dedicado à pesquisa no âmbito da música popular

brasileira, sustenta que, em Caymmi, som e imagem se transformam em magia. Em seu entender, no compositor «habitam», pelo menos, oito personagens diversas: «Em primeiro lugar, há o portador de folclore, o menino criado até aos 24 anos em Salvador, assimilando os costumes e as histórias das velhas negras, dos mestres de saveiro, dos pescadores. O menino que temia o boi da cara preta. Depois vem o poeta e o melodista, o músico instrumentista e o cantor. Em Caymmi coexistem, pois, o folclorista e o pesquisador, o músico, poeta e instrumentista, o cantor, actor e pintor. Uma multiplicidade de figuras num único e singular Caymmi.»

O próprio compositor é sintético na sua autodefinição: «Sempre gostei de cantar a cara do povo»; e fá-lo de ouvido, é bom que se registre. *Maracangalha*, *Dora*, *Marina*, *O samba da minha terra* e *João valentão* são os seus temas preferidos.

E diz-se eternamente jovem: «O que eu não tenho é vício para acompanhar o embalo», afirma. Mas a definição suprema deve-se ao poeta maior do Brasil, Carlos Drummond de Andrade: «Não há dia seguinte para o cancionista de Caymmi. A flor que o vento joga no colo da morena de Itapoã não murchou ainda. Murchará um dia? Não creio. O que está na voz de Caymmi a gente guarda como faz com as coisas de estimação. E ouvi-la em casa, na rua, no ar, é sempre a emoção de um bom encontro. Incorporou-se ao património de arte e coração do Brasil. Ninguém o apaga ou destrói.»

Saravá, Caymmi, doutor da Baía, mestre da música, professor da vida!



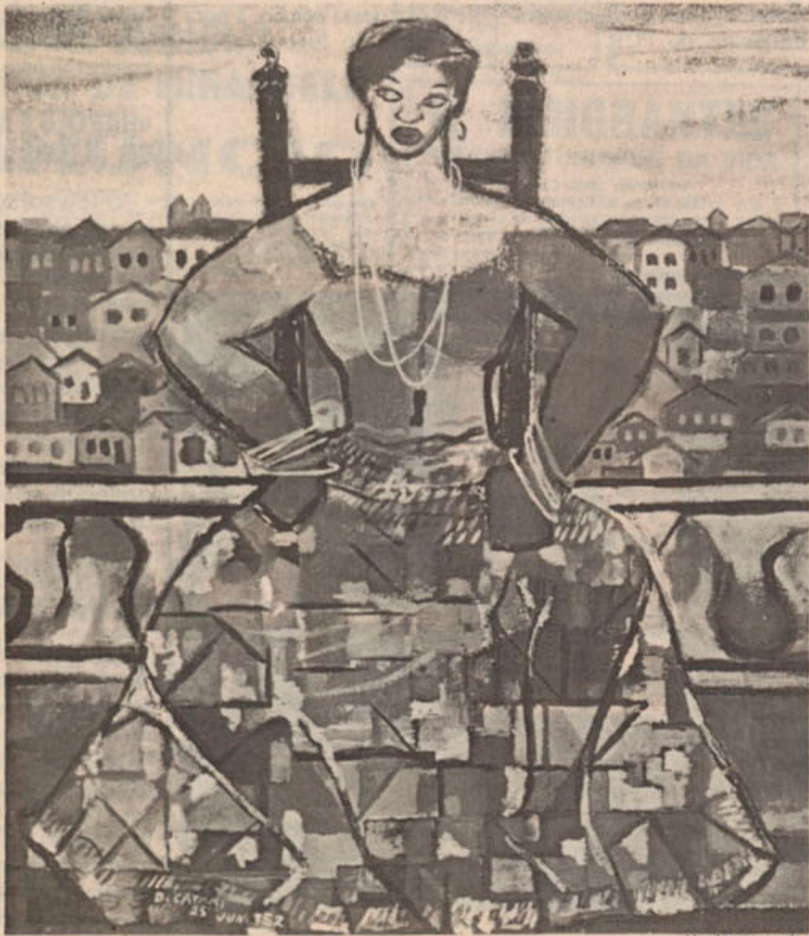
Direitos reservados

COM O MINISTRO francês da Cultura, Jack Lang



Direitos reservados

O MESTRE aos 70 anos: «Sempre gostei de cantar a cara do povo»



Direitos reservados

«BAIANA», óleo sobre tela da autoria de Caymmi: outras faces do artista

DORIVAL CAYMMI SEGUNDO JORGE AMADO, TOM JOBIM E CAETANO VELOSO

TRÊS RETRATOS SINGULARES

«Dorival Caymmi é uma flor nascida lá em cima que desabrocha de toda essa terra trabalhada, da cultura popular adubada com suor, com sangue, com sonho, com esperança, com todas as dificuldades possíveis que o homem encontra, com toda a magia, e que de repente produz uma flor de cultura, uma coisa esplêndida, única, luminosa, que é a obra de Caymmi, desse poeta extraordinário» (Jorge Amado).

«O Dorival Caymmi é um génio, uma pessoa assim que, se eu pensar em música

brasileira, eu vou sempre pensar em Dorival Caymmi» (Tom Jobim).

«Caymmi é um compositor. Até que não é... como é que se diz... prolixo. Ele não tem canções de mais, tem um número grande de canções, mas relativamente pequeno, comparado com outros compositores, mas cada canção dele é uma jóia, perfeita. E todo o clima dele é de uma sabedoria muito profunda que ele parece ter tido desde sempre. É uma coisa... calhou acontecer aquele homem, não é?» (Caetano Veloso).